

O Mundo de Órbis

Os Dois Tronos

Do Autor

Magtrézia – Uma Jornada Para a Evolução

Magtrézia – O Viajante do Tempo

Magtrézia – O Príncipe das Árábias

A Lenda do Éden- O Guardiã

A Lenda do Éden- Relíquias

A Lenda do Éden- Terra de Gigantes

O Martelo das Bruxas

Akakor – A Cidade Perdida

As Crônicas de Évora – Herança de Ossos

Sidélío Magalhães

O Mundo de Órbis

Os Dois Tronos

2ª edição

Belo Horizonte

Sidélío José Magalhães Silva

2021

Copyright © 2015 Sidélio Magalhães. All rights reserved

Proibido a reprodução total ou parcial desta obra, salvo para efeito de divulgação ou resenha. Do contrário, os infratores serão processados na forma da lei. Os direitos autorais pertencem única e exclusivamente ao autor Sidélio Magalhães.

Prólogo

Uma velha senhora atravessou o corredor de pedra de mansinho, subindo um lance de escadas em direção aos dormitórios reais. A noite estava gelada e ela se aquecia sob um pesado chale de lã. Parou de frente a porta de um dos quartos e abriu-a devagar, tentando evitar que rangesse. Espiou pela fresta da porta e viu que lá dentro uma menina, de pouco mais de cinco anos de idade, brincava com uma boneca de pano, sentada sobre a cama. Ao perceber que a menina ainda estava acordada, entrou e foi logo dizendo:

_Já é tarde. A minha princesinha precisa dormir. O seu pai não ira gostar de saber que você está desobedecendo a suas ordens. Lembra-se do que ele disse?

_“Não vá para a cama muito tarde querida, os filhotes de dragões dormem cedo para crescerem fortes e saudáveis”, ele sempre diz isso vovó, mas não me importo com dragões. Eles nem existem.

_Como não existem, minha querida, se foram eles que ajudaram a restaurar a paz entre os reinos? - disse a velha chamada Basemate, tentando convencer à pequena Dracena a permanecer na cama, enquanto a cobria com uma bonita manta de linho branco. - Você sabia que o seu pai lhe deu o nome de Dracena em homenagem a um dos dragões mais destemidos de todos os tempos?

_Sim, uma vez ele me falou..., mas se eles existem mesmo, por que então não os vemos?

_Acho que já lhe contei esta história, não?

_Ah vovó, conte de novo, por favor. Gosto tanto de suas histórias!

_Você me faz lembrar de quando o rei Hur e o seu pai eram crianças - disse a velha passando as mãos carinhosamente no rosto da menina. - Você se parece tanto com ele, exceto pelo sorriso...

_...tenho o sorriso de minha mãe - completou Dracena sorridente - todos sempre falam isso.

_Sim, seu sorriso se parece muito com o sorriso de sua mãe. Ela ficaria muito feliz em ver que criança linda você está.

_A senhora acha que ela está bem, vovó? -perguntou a princesa com um sorriso brilhante nos lábios.

_Sim, meu doce. Com certeza está protegida por Dracena e seus irmãos. Ela ia adorar ver esse seu sorriso iluminado. Você tem o sorriso dela, mas os olhos... ah os seus olhos são sem dúvidas de seu pai. Você me lembra Isacar quando ele era ainda uma criança e junto com o príncipe Hur só dormiam após ouvirem uma de minhas histórias.

_Eles também gostavam de histórias vovó?

_Sim, meu anjo, eles também foram crianças assim como você e o seu primo Demer, e às vezes só dormiam se eu lhes contasse histórias.

_Também quero ouvir histórias, Ba. Elas me fazem viajar no mundo dos sonhos. Sempre sonho com as criaturas mágicas de suas histórias.

_Só se a senhorita prometer que irá fechar os olhos e tentar dormir. Olha o seu irmão ele já está no segundo sonho e você nem consegue fechar os olhos.

_Eu prometo – respondeu-lhe cruzando os dedos sobre seus pequenos lábios rosados.

_E qual história quer ouvir?

_Conte novamente como o papai ganhou o título de Coração de Dragão o rei do trono prateado.

_Está certo, agora vê se fica quieta, tá bom?

Dracena acomodou-se em seus grandes e confortáveis travesseiros de penas de gansos tollecias, cruzou os bracinhos sobre a macia manta de linho branco e aguardou que sua ama começasse a história. A velha Basemate aconchegou-se na cadeira, respirou profundamente e começou a contar:

_Tudo começou há muitos e muitos anos atrás. Na época em que as duas terras eram um reino só e o rei Herat, pai do rei Hur, era o orbiano mais poderoso de toda Orbis. Todos o conheciam como o senhor das duas terras, o senhor das duas coroas...

Capítulo 1

A Rainha

—Onde estão os meninos, Basemate? –perguntou a rainha Chaia saindo de sua banheira, enquanto duas servas lhe estendiam um bonito roupão de um fino linho branco, todo bordado com fios de ouro.

—Estão no pátio, majestade. Hur e Isacar treinando com suas espadas. É a primeira vez que Isacar ganha um presente tão bonito. Ele ficou muito agradecido com o amável presente do rei – respondeu Basemate da soleira de uma das janelas do quarto real.

O quarto era grande, todo mobiliado com móveis feitos pelos mais famosos artesãos hurques, especialmente para o casal na época de suas bodas. A cama era toda talhada em carvalho negro onde se via na cabeceira o brasão do senhor das duas coras: um dragão Dourado em frente a um dragão prateado, ambos se encarando em um gesto de união. O ouro do brasão reluzia como fogo. O dossel da cama não era diferente, era tão belo quanto a cabeceira. Sua madeira estava revestida de ouro branco simbolizando as terras nórdicas e coberta por um fino cortinado de seda onde se viam as iniciais HC. Os tapetes do quarto estavam extremamente limpos e combinavam perfeitamente com os reposteiros espalhados pelos quatro cantos do quarto.

—Ele mereceu –disse Chaia -, o sacerdote Mibzar disse que ele é um dos melhores alunos que ele tem. É uma pena Hur não se interessar tanto pelos estudos quanto seu filho.

_Ele ainda é uma criança, soberana. As crianças são assim mesmo – respondeu Basemate ainda espiando pela janela. Lá embaixo, em um pátio coberto e protegido da forte chuva que caía, Isacar e Hur se golpeavam com suas espadas sob a supervisão do mestre de armas do palácio o senhor Obede-Edom. Do outro lado do pátio, sentados no parapeito ao redor do armeiro, os irmãos do Príncipe Real acompanhavam o treino. Eram eles: Er, dois anos mais novo que Hur, era o herdeiro presuntivo, o que herdaria o trono na impossibilidade do Príncipe Real ser tronado. O herdeiro presuntivo era chamado também de Príncipe da Beira. Os irmãos gêmeos, os infantes Asher e Acsa, dois anos mais novos que Er e que escaparam da “Lei da Gemelidade Real” por não serem os príncipes reais e principalmente por serem do sexo oposto, pois somente os filhos homens tinham direito ao trono. Esta lei obrigava ao rei sacrificar um dos gêmeos no caso de serem primogênitos, em geral o primeiro dos gêmeos que nascesse escaparia com vida, o segundo era sacrificado, pois acreditava-se que dois herdeiros reais causariam uma disputa de poder pelo trono que não seria vantajosa para o reino. E tinha também o pequeno Taá que estava aninhado aos braços de uma serva, dormindo como uma preguiça na árvore, que de longe assistia o treino dos dois jovens espadachins.

_Ele já está com dezessete anos – retorquiu a rainha estendendo os braços para que uma serva lhe vestisse.

_Nesta idade eu já estava me preparando para desposar o rei Herat. Já é hora dele aprender a ter mais responsabilidade. O herdeiro dos dois tronos não pode ser tão relapso como é o príncipe Hur. Quero que seja mais dura com ele, não deve tratá-lo como se ele fosse uma criança.

_Farei isso, não se preocupe. É que às vezes ele é tão... tão galanteador que é quase impossível não me render aos seus encantos. Feliz da mulher que um dia cair nos braços desse menino – respondeu Basemate cruzando as mãos em seu peito, suspirando profundamente.

_Conheço bem aquele moleque. É uma pena Er não ser o primogênito do pai. Ele sim é um menino responsável e inteligente. Seria um rei muito melhor do que Hur.

Enquanto a rainha falava, suas servas Puá e Rispa prestavam-lhe serviços. Puá penteava os seus longos cabelos prateados, ensebando-os com essências de óleos tollecas, deixando-os ainda mais macios e sedosos. Rispa massageava-lhe os pés com creme emulador à base de agavia dagron e especiarias estrucas, feito pelo próprio Kemi, o grande alquimista do rei.

_Não deixe o senhor das duas terras ouvi-la falar assim, majestade – disse Basemate aproximando-se da rainha, olhando em direção à porta do quarto -, se ele lhe pega falando isso será discussão na certa.

_Tolice, Ba –objetou a rainha -, ele sabe muito bem o que penso deste bastardo.

As servas se fitaram, Rispa e Puá baixaram a cabeça e Basemate retorquiu:

_Desculpe-me, soberana, mas o Príncipe Hur não é bastardo, é filho da rainha Mirr e seria o único herdeiro do grande Rei Herat se ela não tivesse morrido.

_Ora como se atreve a falar o nome dessa mulher em minha frente, Basemate? Mirr era uma louca, todos sabem disso.

Engravidou-se de Herat para casar-se com ele. Toda corte sabe disso... o meu pai sabia disso.

_Perdão se lhe ofendo, soberana rainha, mas sendo filho do Rei Herat e da Rainha Mirr, a senhora não deveria chamar o Príncipe Hur de bastardo.

_Mas que insolência é esta? –protestou a rainha em um tom ameaçador - Por um acaso esta se achando mãe daquele irresponsável?

_Não, soberana senhora. Sei bem qual é o meu lugar – respondeu-lhe com humildade.

_Então coloque-se nele e não me venha com esta conversa. Você não é nada além de ama de leite desse menino, nada mais do que isso. Não me venha dizer o que devo ou não dizer sobre ele.

_Perdoe-me, soberana rainha. Não tive a intenção de...

_Ora saia daqui, sua inútil – berrou a rainha. -Agora estou vendo porque Hur é como é. Tudo culpa sua, criatura insolente.

_Mas, senhora...

_Saia de minha frente antes que eu mande cortar a sua língua por esta afronta.

Basemate abaixou a cabeça e saiu do quarto apressada. Ela era uma mulher bonita, apesar de pouco cuidada. Tinha os traços do rosto bem delineados, os cabelos negros como betume. Seu corpo era desejado por muitos da corte, muito embora estivesse, na maior parte das vezes, coberto por

longos vestidos sem graça e nunca deixava o busto à mostra. Ela sabia que sua insolência um dia poderia levá-la para a prisão, mas não podia se calar diante de tão duras palavras contra Hur. Ela o recebera nos braços com poucos dias de vida. Na época estava amamentando o pequeno Isacar e com a morte da rainha Mirr, o rei não teve escolha a não ser entregar o pequeno príncipe aos cuidados de uma ama de leite. Basemate sentiu-se extremamente honrada em amamentar o pequeno Hur. No segundo dia que estava com o bebe no colo já o amava como se fosse seu próprio filho. Príncipe Hur e Isacar cresceram juntos desde então. Nunca se separaram e em gratidão pelo amor devotado ao pequeno herdeiro, o rei concedeu ao filho de Basemate o direito de morar no palácio e ter quase as mesmas vantagens que os príncipes. Estudavam, brincavam e esgrimavam juntos. Onde estava o príncipe Hur, lá estava Isacar. Os boatos diziam que a rainha Mirr suicidara logo após o parto. Dizem que ao ver o filho sair de suas entranhas entrou em uma depressão tão profunda que não durou uma semana. Pulou da torre mais alta do Castelo Prateado, deixando o pequeno Hur aos cuidados de um pai jovem e inexperiente na arte da paternidade e muito ocupado com suas árduas tentativas de manter a paz entre os reinos. Basemate não conheceu a rainha Mirr pessoalmente, via-a sempre de longe, nunca se quer conversou com ela, mas ela tinha lhe deixado um presente maravilhoso, Hur, menino doce, de sorriso fácil que cativava a todos que dele se aproximava. Mirr foi uma incógnita para Basemate, mas Chaia ela conhecia bem. Há mais de dezesseis anos sofria com seus mandos e desmandos dentro do palácio de fogo. Estava sempre implicando com alguma coisa, e nunca satisfeita com nada. Embora fossem irmãs, Mirr e Chaia nunca se deram bem. Há rumores de que

não eram filhas da mesma mãe e a disputa pelo trono do pai sempre foi acirrada. As duas eram filhas do grande rei do gelo Dã Drakos, da ordem dos Dragões Prateados. Ele não teve um filho homem que assegurasse o poder ao trono prateado. A pressão de seus conselheiros era grande, pois há muito tempo os bárbaros, palaios e hittitas, ameaçavam tomar as terras nórdicas. O Rei Dã estava velho e não teve outra escolha se não desposar a sua filha mais velha com o senhor do trono de fogo, o Rei Herat Labar da ordem dos Dragões Dourados. Infelizmente o casamento durou pouco menos de um ano. Dizem que Mirr casou-se grávida, mas Basemate nunca soube a verdade, tudo o que ela sabia era que Chaia, mesmo ainda sendo muito nova, foi entregue ao Rei Herat pelo pai logo após a morte da irmã, pois os reinos já unidos não poderiam ser separados. Ele poderia ter passado a coroa para o irmão, o Duque Gorakh ou para o irmão de sua rainha o Duque Bör Dasktar, mas não confiava em nenhum membro de sua família, muito menos nos membros da família Dasktar além de sua própria esposa que a muito já havia morrido. Com a iminência de uma guerra civil, insuflada pelos bárbaros farianos e hittitas não teve outra saída, entregou a sua segunda filha ao Rei Herat, senhor da terra média. Os dois reinos juntos conseguiram manter a paz entre os povos, mas as rebeliões não cessaram, ainda existiam como sombras a tirarem as noites de sono do rei. Alguns farianos, influenciados pelos bárbaros começaram também a se revoltar. Eles eram um povo pacífico, viviam nas ilhas de Far, pra lá do Mar Revolto, mas muitos deles vinham a procura de trabalho na terra média e a influência hittita era quase inevitável. Os tempos eram difíceis, o período das inundações estava demorando mais do que o normal. Não havia tempo bom para o plantio e para a colheita. A terra de fogo estava

encharcada e o povo começava a passar fome. No castelo dourado tudo fluía normalmente, mesmo com toda a chuva que caía lá fora. Todos os suprimentos vinham das terras prateadas onde a colheita era farta e as estações do ano bem definidas. Rei Herat esforçava-se ao máximo para não deixar que o seu povo passasse fome. Duas vezes na semana navios vindos do norte aportavam em Porto Dragos com todo tipo de suprimento que o povo da terra de fogo precisava, mas parece que nada era suficiente para acalmar o ânimo dos hurques. Um clima de motim começou a se espalhar em Avares.

_Quer que lhe traga a coroa, majestade? –perguntou Puá após colocar um tipo de echarpe de seda sobre os ombros da rainha.

_Não é preciso. Não terei nenhuma aparição pública hoje. O soberano foi supervisionar o desembarque dos alimentos em Porto Dragos, deve ficar por lá o resto do dia.

_O senhor das duas terras é mesmo um homem honrado, senhora. Preocupa-se com seu povo como nenhum rei antes dele – comentou a serva Rispa finalizando a pintura das unhas de Chaia.

_Tolice, isso é trabalho para o meu tio. Não é ele o mão de ferro do rei? – Rispa assentiu com a cabeça - Herat não deveria se preocupar com assuntos como esse, de menor importância. O povo que se vire para encontrar comida.

_A senhora das duas terras tem razão –precipitou-se Rispa a confirmar – Duque Bör é o mão de ferro, esta tarefa deveria mesmo ser dele ou do castelão.

Chaia lançou um olhar repreensivo para a Rispa. Nunca se espera a opinião de uma serva em assuntos do reino. A rainha quando conversava com uma serva era como se tivesse pensando alto, não esperava opiniões, muito menos comentários indesejáveis.

_Perdoe-me soberana rainha – disse Rispa cabisbaixa, afastando-se.

_Está pronta, minha senhora – interpôs Puá juntando-se a Rispa – tão bela quanto a estrela do oriente.

Chaia levantou-se, mirou-se no espelho, ajeitou os cabelos a seu modo e sorriu para si mesma. Estava realmente bela. No lugar da coroa usava uma rica tiara cravejada de diamantes e pequenos rubis. Seus longos cabelos prateados estavam soltos sobre os ombros com uma fina trança na parte de trás toda presa com presilhas prateadas. Sobre seu busto um belo colar de pedras azuis que contrastavam com o azul turquesa de seus olhos.

_Diga a Vashti que me sirva um suco de tâmaras na torre norte. E pelo amor dos deuses, diga a Basemate que não deixe as crianças se aproximarem. Estou com uma leve dor de cabeça e não quero me cansar com coisas pueris.

_Agora mesmo, senhora – respondeu Puá.

_Então o que está esperando? Vá, vá, vá.

_Sim, senhora. Com a vossa licença _respondeu-lhe Puá fazendo uma leve reverencia.

_Puá! _chamou a rainha quando a serva já se afastava.

_Sim, senhora.

_Diga ao mestre Obede-Edom que quero falar com ele.
Mande-o para a torre. Esperarei por ele lá.

_Sim, senhora. Com licença.

Capítulo 2

O Senhor das duas Coroas

A movimentação em Porto Dragos era intensa. Um ir e vir de homens como em um grande formigueiro. A chuva caía torrencialmente enquanto alguns marinheiros descarregavam o grande navio real. O Estrela do Oriente era um navio de casco largo que o rei usava para viajar, confortavelmente, entre os dois reinos, mas na maioria das vezes servia para transportar vinho, especiarias e sementes entre os portos. Porto Dragos era enorme. De suas docas vislumbravam-se ao longe as torres mais altas do grande castelo dourado entremeio a um casario moderno e pomposo como era de se esperar de uma cidade imperial. Ao entorno do porto estava toda a área comercial da cidade. Armazéns, estalagens, tabernas, hospedarias e Bordeis. Tudo junto e misturado em uma grande faixa de terra às margens do Mar Toruki. Do lado oposto à cidade, em um horizonte longínquo e quase se dobrando por trás da curvatura de Orbis, viam-se as pontas altas da Cordilheira das Almas. Era uma cena bela de se ver. Ela estendia-se de norte a sul como uma gigantesca muralha, altaneira e inexpugnável que se erguia ao céu, mantendo a Cidade Proibida longe dos olhares curiosos dos moradores de Avars.

O porto estava repleto de navios e pequenas embarcações. Barcos de pescas ancoravam e zarpavam enquanto Capitão Dalyan, do convés do Estrela do Oriente, precipitava-se, proferindo ordens aos seus marinheiros. Em geral eles eram homens livres dentre palaios e estrucos. Destacavam-se dos escravos pela forma como se vestiam. Estavam sempre com

seus coletes de couro cozido sobre camisas de grosso linho. Em geral eram barbados e com longos cabelos mal cuidados sempre presos por anéis prateados. Os escravos, ao contrário, estavam sempre desnudos com apenas um pedaço de linho enrolado à cintura. Não era comum encontrar escravos em Avares. O rei havia expedido uma proibição de comercialização de orbianos, o que, de certa forma, cooperou e muito para a diminuição dessa prática execrável. Os poucos escravos que existiam eram sempre carecas, pois seus senhores obrigavam-nos a rasparem a cabeça, evitando uma proliferação de piolhos.

_Cuidado com isso – gritava o Capitão Dalyan do alto do navio – se quebrarem estas caixas corto-lhes seus malditos paus “brochentos” e os dou de comer aos cães.

Ao lado do ancoradouro, rei Herat supervisionava todo o trabalho. Ele era alto, robusto, com os cabelos loiros emoldurando um rosto bonito e altivo. Estava sempre com sua espada embainhada à cintura, usando um colete de malha dourada cobrindo todo o seu peito e parte dos ombros e pescoço. Dois escudeiros acompanhavam-no para onde ia. Um estava armado até os dentes fazendo a guarda do rei, o outro segurava um grande guarda-chuva de couro evitando que o rei se molhasse com os grossos pingos da chuva. Duque Bör acabava de desembarcar. Trazia no rosto um sorriso pacífico, embora não fosse. Rei Herat foi logo perguntando:

_Como foi a viagem, Duque Bör.

_Longa e fatigante. Mas o Estrela do Oriente é um navio muito confortável. Vossa Graça teve mesmo sorte de negociá-lo com os hittitas.

_Este foi mesmo uma bela aquisição, não foi?

_E como, senhor. E tem também o capitão Dalyan que não mede esforços para minimizar a fadiga da viagem. Sifrá não cansa de tecer elogios sobre ele. Confesso que cheguei a ter uma pontinha de ciúmes com tantos galanteios.

_Deixe de bobagens, homem. Capitão Dalyan é homem honrado e de minha inteira confiança. Seria capaz de decepar a cabeça de um homem para proteger a honra de sua amada esposa.

_Será mesmo, majestade? Às vezes tenho minhas desconfianças. Colocaria as suas mãos no fogo por ele?

_Mas que conversa é essa agora?

_Arr... com licença, senhor – pigarreou a Duquesa Sifrá, chamando o seu marido e fazendo uma leve reverência ao rei – como vai, soberano?

_Como os deuses querem. E a senhora, como está? – perguntou-lhe o rei.

_Sinto-me muito bem, obrigada. Nunca me diverti tanto em uma viagem. Capitão Dalyan é mesmo muito galanteador - respondeu ela, dando um olhar furtivo ao Duque Bör – e o serviço de bordo... ahh... que maravilha. Faz tempo que não como uma lagosta tão fresquinha quanto a que mestre Loran nos serviu. Com um capitão como Dylan e um cozinheiro

como mestre Loran podem convidar-me quantas vezes for preciso para acompanhá-los até Éborim, meu senhor.

_Folgo em saber, senhora duquesa. O meu navio estará sempre à vossa disposição – disse-lhe o rei amavelmente. – Rogo aos deuses para que as suas crianças também estejam bem.

_Muita gentileza de vossa graça. Com tantos afazeres em Avares ainda acha tempo a rogar pelos meus filhos?

_As crianças precisam sempre de apóio, não é mesmo? O futuro dos dois reinos está nas mãos deles.

_Sim, soberano. O futuro pertence às nossas crianças. Deixei Caleb e Coré aos cuidados de meu irmão Brom. Para eles não tem nada melhor do que os cavalos e pôneis de seu aras. E Zaliki também está bem. Está no Castelo Menor com suas amigas e Deuzair minha serva. Está em uma fase terrível... só fala em príncipes, jóias e vestidos. Às vezes chego a pensar que minha filha é a menina mais vaidosa das duas terras.

_É mau da idade, senhora – disse o rei dando uma alta gargalhada – Ela está com quinze, dezesseis anos?

_Ela esta no seu décimo sexto ano, majestade. Salvo engano, é um ano mais nova do que o Príncipe Real.

_Ah, sim. O tempo parece que voa. Em um ano já poderá se casar, não é mesmo?

_É tudo que aquela menina mais quer. Não vê a hora de vossa graça cumprir com a promessa de casá-la com o príncipe Er. Casar-se com seu príncipe e viver uma bonita história de amor é tudo que mais anseia.

_As mulheres são todas iguais – disse o rei em um sorriso espontâneo. - Quisera minha filha Acsa tivesse essas mesmas idéias. Chaia fez de tudo para ela se tornar uma dama da corte, mas nada mais a atrai do que os livros e a magia protetora. Confesso que no início me sentia incomodado, mas quem sou eu para definir a felicidade de minha filha, não é mesmo?

_És o rei, soberano. O Senhor das duas terras – comentou Sifrá ajeitando seu capuz sobre seus cabelos evitando que se molhassem. - Essa chuva não vai parar nunca mais? – perguntou irritada.

_Sim, sou o rei, mas antes de tudo sou o pai dela e prezo por sua felicidade. Se a infante gosta disso, merece meu apoio e terá sempre o meu incentivo. Além do mais, ela já é uma princesa, não precisa sonhar com príncipes. Os lordes e cavalheiros da corte que sonhem em um dia desposá-la.

_Ela já não é mais uma infante, meu senhor, as crianças crescem, só os pais não enxergam isso. Já esta uma moça. Da última vez que a vi notei os seus contornos. Será uma bela mulher. Que os deuses a protejam, soberano – disse a duquesa dando um estranho sorriso para o marido.

_É melhor que vá, mulher – interpôs Duque Bör.

_A carruagem real está a sua espera. Rapú irá acompanhá-la – disse o rei, fazendo um aceno com a cabeça para um dos guardas que se aproximava com outro guarda-chuva –, roubarei o seu digníssimo esposo por algumas horas, se assim não se importar.

_Quem sou eu para opor-me a uma vontade do senhor das duas coroas, majestade – disse a condessa sedutoramente. Seus lábios vermelhos pareceram tremer e o rei percebeu algo estranho em seu olhar. “Ela é tão bonita”, ele pensou.

_As mulheres são as únicas donas de seus maridos, senhora – respondeu-lhe o rei dando tapinhas de leve nos ombros do Duque Bör.

_Somos mesmo? – ela perguntou sorrindo.

_A senhora sabe que sim – disse galanteador.

_De qualquer forma, soberano, faça como quiser. Deixo o meu amado esposo aos vossos soberanos cuidados. Se me permite... – disse Sifrá reverenciando-o e seguindo Rapú.

Duque Bör, em silêncio, observou Sifrá se afastando. Não gostara da troca de olhares entre a Duquesa e o rei. O Capitão Dalyan gritou alguma coisa do convés e Rei Herat perguntou:

_Como andam as coisas em Éborim?

_Nada bem, meu senhor. O povo nortenho não se sente confortável. Acham que estão trabalhando em dobro para sustentar as duas coroas. Pré vejo um grande problema pela frente. Algo beirando uma rebelião.

_Logo, logo a estação das inundações passará e a estação do plantio deixará a terra de fogo fértil novamente. Enquanto isso não acontece, só nos resta contar com a boa vontade do povo nortenho.

_Vossa graça acha mesmo que poderemos contar com essa boa vontade por muito mais tempo? O período das inundações está demorando mais do que o normal, não acha?

_É, eu sei – concordou o rei -, o sacerdote Mibzar disse que Órbis passa por uma grande transformação. Os deuses estão em desavença e se eles não se entenderem um caos se instalará sobre toda a Órbis.

_Estariam os dragões se agrupando novamente?

_Dragões? –perguntou o rei gargalhando. - Não existem mais dragões. A ordem dos dragões dourados exterminou todos eles. De dragões tudo que restou foram os ovos de Darshini que estão duros como prata envelhecida. Seria mesmo fantástico termos Darshini, a grande dracena prateada lutando ao nosso lado, não acha? Seríamos invencíveis.

_Pelo menos não haveria mais tantas rebeliões.

_E os bárbaros não se atreveriam a colocar os seus pés imundos em nossas terras e nem arriscariam suas cabeças tentando ampliar os seus domínios sobre Órbis – completou o rei.

_Acha mesmo que não restou nenhum dragão pelo mundo, majestade?

_Acho não, tenho certeza. Na Cidade Proibida só tem bruxas asquerosas. Se houvessem dragões por lá, a Patrulha do Vento já teria percebido.

_É verdade... e por falar em Patrulha do Vento, há muito tempo não recebemos notícias do Estreito de Ganash. Não

acha prudente mandarmos uma tropa para ver como andam as coisas por lá? Em tempos de guerra todo cuidado é pouco.

_Guerra? Mas que mau agouro é esse, Duque Bör? Tudo o que temos são pequenas rebeliões feitas por um grupo de arruaceiros e carneiros do deserto. Eles não têm força para causar uma guerra.

_Todo cuidado é pouco, senhor. Hurques e tollecas sempre se deram bem, mas não podemos dizer o mesmo dos palaios, dos hittitas, farianos e estrucos. Vivem confabulando, sonhando um dia terem seus próprios reis e dominarem toda Órbis, além do mais a corte é feita de intrigas, meu senhor. Nunca sabemos de onde pode vir a próxima traição, não é mesmo?

_Nossos homens estão armados até os dentes. Não acho que uma rebelião de carneiros pode nos levar à uma guerra de fato. E os traidores... – ponderou ele por um instante – cortaria na própria carne se preciso fosse para livrar-me de um traidor – respondeu-lhe o rei fitando-o severamente. Rei Herat notou a ponta de um sorriso sínico brotar nos lábios do Duque.

Fez-se silêncio.

_Está sabendo de alguma coisa, Duque? –perguntou então o rei – alguém na corte com idéias de traição?

_Não, nada digno de se levar a sério.

_O que foi desta vez?

_O soberano conhece bem o tio que tem. O Lorde Dib com seu jeito brincalhão acabou deixando escapar a insatisfação

do Duque Gorakh Drakos com a falta de um rei para o Trono Prateado. Segundo Lorde Dib, o duque sonha em colocar o seu filho no trono.

_Pois que continue sonhando – disse o rei inchando como um sapo enfurecido. Seu rosto enrubesceu -, e se eu descobrir que ele anda tramando alguma coisa contra a coroa irei pessoalmente a Éborim decapitá-lo.

_E Vossa majestade acha mesmo que se eu descobrisse um traidor no seio de vossa real família eu não o executaria imediatamente? Ainda mais sendo um Drakos. Nada me daria mais prazer nesta vida do que ver a cabeça de um Drakos ser devorada por corvos e urubus.

_Odeia-os tanto assim?

_Não é ódio, soberano. Apenas divergência de opinião.

_Sei muito bem que tipo de divergências os Dasktars têm com os Drakos. Ambos se acham herdeiros do Trono Prateado, não é mesmo?

_Não é nada disso, soberano.

_Ora vamos, duque. Não me tome por um tolo. Conheço bem a família de Chaia. São mais ambiciosos do que a própria ambição. Acha mesmo que não sei que se pudessem já teriam se digladiado para ver quem ficaria com o trono? Não precisa mentir para mim, Bör Dasktar. Está do meu lado somente porque sabe que mais dia ou menos dia Er se casará com sua filha e será o segundo na linha sucessória ao Trono Prateado. Mas não se engane meu velho amigo – disse dando tapinhas nas costas do duque -, até lá tudo pode mudar. Quem lhe

garante que esse casamento irá mesmo acontecer? E se bem conheço Er, ele não permitiria que interferisse em suas decisões se ascendesse ao trono. Aquele lá consegue ser mais orgulhoso do que a mãe.

Duque Bör se calou. Ele sabia que por mais duras que as palavras do rei haviam sido, elas falaram a mais pura verdade, muito embora a sua fidelidade ao rei fosse maior do que ele, o rei, pudesse imaginar.

Percebendo que a última caixa estava sendo descarregada do navio, Rei Herat ordenou a um de seus vassalos:

_Leve tudo para os silos reais. Mestre Cointer os aguarda, ele saberá o que fazer.

_Agora mesmo, majestade – respondeu-lhe o homem afastando-se, indo de encontro às carroças que estavam repletas de mantimentos.

_Precisa de mais alguma coisa, soberano? – perguntou Capitão Dalyan do alto do convés?

_Não, capitão. Por hora isso é tudo. Semana que vem precisarei que busque outro carregamento. Temos que continuar orando aos deuses para que cesse esta chuva e a estação do plantio comece logo.

_Farei isso, majestade. Toda a terra média está debaixo de água. Precisamos mesmo que isso acabe logo. Peço-lhe humildemente que preste minhas reverências à Rainha Chaia. Diga-lhe que Mestre Loran está à disposição para fazer as suas sobremesas preferidas.

_Muito obrigado, capitão. Direi a ela.

Capítulo 3

Os Filhos do Rei e Isacar

Uma leve pancada à porta anunciou a chegada de Mestre Obede-Edom.

_Entre – disse a Chaia.

_Com vossa licença, soberana rainha. Mandou me chamar?

_Sim, mestre Edom. Entre e feche a porta.

A Rainha Chaia estava sentada em uma suntuosa cadeira toda revestida de veludo negro com tachinhas douradas que se destacavam sobre tecido como vaga-lumes em noite sem luar. Ao seu lado a serva Vashti servia-lhe um copo de suco de tâmaras acompanhado por alguns biscoitos e outros quitutes reais.

_Deixe-nos a sós – ordenou a rainha à serva. Vashti fez uma reverência e saiu sem nada dizer.

_Tem uma bela visão daqui de cima, majestade. Tem toda a cidade aos vossos pés, como de direito – comentou Mestre Obede-Edom, aproximando-se da sacada do alto da torre do castelo dourado que se projetava para o oeste da cidade. Seus olhos correram rapidamente pela Rua dos Lordes e viu a movimentação dos guardas no portão levadiço do castelo. Daquela sacada via-se as principais ruas da cidade, uma das docas do Porto Dragos e, é claro, a exuberante Cordilheira das Almas que se estendia ao longe rígida e acinzentada, quase sumindo na linha do horizonte encoberta pelos grossos pingos de chuva que caíam.

_Eu diria que tenho uma visão mais estratégica do que privilegiada – retorquiu a rainha cheia de vaidade. Mestre Obede-Edom fitou-a desconfiado.

_Mas em que posso ser útil, senhora? Alguma orientação sobre o Príncipe Real?

_Por que todos nesse castelo acham que tudo gira em torno de Hur? –perguntou irritada.

_Perdão, senhora. Apenas pensei que quisesse dizer-me alguma coisa sobre as aulas de esgrima do real herdeiro.

_Esqueça o Príncipe Real. Chamei-o aqui para falar do Príncipe da Beira.

_O Infante Er?

_E por um acaso existe outro Príncipe da Beira em Avars?

_Não, senhora. Perdão. Mas o que posso fazer pelo infante?

_Quero que o treine. Ele precisa saber empunhar uma espada. Precisa aprender a lutar pelo que lhe pertence por direito divino. E pare de chamá-lo de infante, ele não é mais nenhuma criancinha.

_Mas o Er ainda é tão jovem, senhora. Não acho que seja o momento – comentou o mestre de armas já sentindo os olhos azuis da rainha se enfiarem.

_Não ouse questionar as minhas ordens, Mestre Edom. Não me importa se ele é ainda muito jovem. Já está com quinze anos e já passou da hora dele aprender a se defender. Quero-o forte e preparado. Não sabemos o dia de amanhã. Ele deve

aprender a empunhar uma espada e se tornar um lutador melhor do que Hur, o senhor me entendeu?

_Perfeitamente, senhora. Hur aprende rápido, apesar de ser indisciplinado. Está sempre treinando com Isacar. Os dois juntos estão se tornando um dos melhores lutadores que já treinei. Serão homens de pulso firme, embora sejam justos. Será um prazer treinar o infante Er, apenas quis dizer que o menino ainda é muito moço. Não irá nem agüentar segurar uma espada. E o Príncipe Hur está a dois anos à frente do pequeno Er. O Príncipe da Beira terá que se dedicar muito aos treinos se quiser ser melhor do que o irmão.

_Ele irá se dedicar. Er é muito inteligente e astuto, tenho certeza que compreenderá a importância de se tornar um bom guerreiro. Quanto ao peso da espada, não se preocupe. Falarei com o meu soberano esposo e ele providenciará uma espada especial para o príncipe.

_Não precisa ocupar o precioso tempo do rei com isso, senhora. Eu mesmo escolherei uma espada à altura de seu filho, esta é minha obrigação. Fique tranqüila. Mas acha mesmo necessário tudo isso? Estamos vivendo em tempos de paz. As pequenas rebeliões que assolam as duas terras nunca chegaram a uma guerra.

_Gosta de jogar cartas, Mestre Obede-Edom?

_Sim, soberana senhora. Depois da esgrima, as cartas são meu esporte favorito – respondeu sem compreender o intuito daquela pergunta.

_Então sabe que nunca se deve jogar primeiro as cartas dos dragões à mesa, não é verdade?

Mestre Obede-Edom fez um sim com a cabeça e a rainha prosseguiu:

_Primeiro apresentamos as cartas dos escravos, depois dos vassalos. Os soldados e generais são as últimas cartas que colocamos à mesa. Não se ganha uma rodada de cartas sem que se tenham generais... e por fim os dragões... ah, os dragões... estes devem ser apresentados somente no momento do cheque mate. Reis e príncipes sucumbem à carta dos dragões.

_Sei bem como se joga o jogo dos dragões, senhora. Mas o que tem isso a ver com o infante Er?

_O Príncipe Er tem o sangue dos Dragões Dourados e dos Dragões Prateados e, como um herdeiro dos dragões, deve estar pronto para o cheque mate. Vivemos em tempos incertos, Mestre Edom, nunca se sabe quando um reino sucumbirá, não é mesmo? Os bárbaros vivem à espreita. Aguardam apenas um momento oportuno para atacarem. Quando este dia chegar, quero assegurar a sobrevivência do herdeiro e o seu direito aos tronos. Ele deve saber se defender, caso queira sobreviver e ocupar os dois tronos.

_O Príncipe Real está sendo preparado para isso, majestade. Hur herdará as duas coroas e Isacar será o seu mão de ferro, tenho certeza disso.

_Não quero saber de Príncipe Hur, muito menos do filho da serva. Acho um absurdo as regalias que meu soberano esposo lhe dedica. O filho de uma serva vivendo como príncipe, onde já se viu?

Mestre Obede-Edom permaneceu em silêncio, encarando os olhos azuis e frios da rainha. Teve o ímpeto de dizer que Isacar, mesmo sendo um servo, era um jovem honrado, muito esperto e inteligente, muito melhor do que o infante Er que era insolente, soberbo, arrogante e indisciplinado. Tudo que o Príncipe Hur sabia, dava-se graças à Isacar que o incentivava, ajudando-o em suas tarefas e desafios. Os dois pareciam muito mais irmãos do que pareciam Hur e Er, tanto fisicamente quanto moralmente.

_Quando quer que comecem as aulas, senhora? –limitou-se a perguntar, engolindo em seco a sua raiva.

_O mais rápido possível. E quero que Asher acompanhe todos os treinos. Ele também é um príncipe e precisa já ir se familiarizando com os jogos de guerra.

_Será feito como desejado.

_Assim espero. Agora vá.

_Com vossa licença, senhora – disse Mestre Obede-Edom reverenciando a rainha e seguindo para a porta. - Permita-me uma última pergunta, majestade? –perguntou ele da soleira da porta.

_Diga.

_O que o Rei Herat pensa disso tudo?

_Isso não é de sua conta. Com o soberano entendo eu, agora vá e cumpra as minhas ordens.

_Como queira... com vossa permissão – disse, dando-lhe as costas e batendo a porta atrás de si.

Do outro lado do castelo, na ala dedicada à grande biblioteca real, em uma sala adjacente, o Príncipe Real juntamente com seus irmãos Er, Asher e Acsa, e seu amigo Isacar, tomava suas lições matinais. O sacerdote Mibzar era o responsável por ensiná-los os princípios éticos, visões da vida, conduta social e ritos populares das duas terras. Em Avares o processo educacional das classes mais abastadas era sempre responsabilidade de um mesmo sacerdote. Todos os filhos dos nobres recebiam sua educação pelo mesmo sacerdote do rei, mas suas aulas não eram ministradas no palácio e sim na morada dos sacerdotes que ficava na Rua dos Lordes, a duas quadras do Castelo Dourado. Em geral a nobreza educava seus filhos para serem cavaleiros, escribas, sacerdotes, artistas, escultores ou desenhistas, iniciando os estudos de seus filhos entre os oito e nove anos. Isacar era o único servo que recebera a autorização do rei para que mantivesse os seus estudos no castelo juntamente com os seus filhos. Era um privilégio que causava inveja em muitos pais da corte que não tiveram para os seus filhos a mesma sorte e oportunidade dada ao filho da ama de leite. Todos questionavam os motivos do rei, mas ninguém ousava tocar no assunto. Muitos insinuavam que Isacar se parecia demais com o Rei Herat, mas não colocariam suas cabeças em risco espalhando boatos infundados. Isacar era mesmo um menino privilegiado. Todas as crianças do reino, filhas dos servos, camponeses, pescadores e artesãos aprendiam desde a mais tenra idade os ofícios de seus pais para que assim os pudesse suceder, mas esse não foi o destino de Isacar. Ele estava sendo preparado para ser um nobre, um lorde da corte de Avares. Os meninos além das aulas com o sacerdote tinham aulas de esgrima com o Mestre Obede-Edom e as meninas, aprendiam a tocar instrumentos musicais, cantar, dançar e a lidar com

operações aritméticas para a economia doméstica. Os livros utilizados pelo sacerdote na educação dos filhos reais eram diferentes dos livros adotados para os filhos dos nobres. Segredos eram passados somente para o herdeiro real e seus irmãos. Os livros continham regras para se viver ordenadamente em uma sociedade pacífica, além de elementos morais de justiça, sabedoria, bondade e moderação, e também a história dos dois reinos desde a sua criação pelos deuses Hur e Tollen até a devastação de Orbis pelos dragões e o seu extermínio pelos antigos reis. Aprendiam na teoria, estratégias de guerra e as colocavam em prática nas aulas de esgrima. Os gêmeos Asher e Acsa demonstraram um profundo interesse pela alquimia e pela magia e então, sugerido pelo sacerdote Mibzar, o rei determinou que eles recebessem aulas extras com o alquimista real o Mestre Kemi. Com ele os infantes aprendiam a fazer previsões do tempo, a prever catástrofes naturais, a preparar soluções das mais simples as mais complicadas, lidando com substâncias químicas como arsênio, cobre, petróleo, calcário, azurita, sal, mercúrio, dentre outros. Embora a magia negra fosse proibida em todo reino, Kemi era um profundo conhecedor da magia protetora e se responsabilizara em passar todo o seu conhecimento para os gêmeos reais. No passado todas as bruxas e feiticeiras das trevas foram expulsas das duas terras e exiladas para a Cidade Proibida que ficava na Ilha de Fogo, do outro lado do Estreito de Ganash. Dizem que as poucas bruxas que lá restaram eram monstruosas e vingativas. Ninguém arriscava a se aventurar por aquelas bandas, mesmo que a curiosidade os matasse, o medo das feras demoníacas criadas pelas bruxas era maior, e era com esse medo que o senhor das

duas coroas contava para manter afastado quem ousasse se aventurar pela ilha.

Na grande sala de aula, sentados em confortáveis almofadas no chão, os infantes reais tinham aulas de história.

_Sacerdote Mibzar, Basemate sempre nos contou histórias sobre como surgiram os dragões e como eles se alimentaram das lavas incandescentes de Helizio. Essa história é mesmo verdade? –perguntou o Príncipe Real, desenrolando um pergaminho intitulado “Dragões de Gelo – A Batalha Final”.

_Não sei que tipo de histórias a vossa ama anda lhe contando, alteza. Muitas delas com certeza não passam de lendas, de contos e histórias de ninar, mas na aula de hoje falaremos sobre o surgimento dos dragões. Vocês conhecerão a verdadeira história – o sacerdote olhou de relance para o príncipe real, ele desenrolava alguns pergaminhos - Pode enrolar este livro, príncipe Hur. Sobre os Dragões de Gelo estudaremos em outra aula.

Príncipe Hur enrolou de volta o pergaminho, colocando-o dentro de um recipiente dourado, voltando a atenção para o seu mestre.

_Esta é uma história muito antiga – continuou o sacerdote -, aconteceu em uma época que Órbis era habitada por seres mitológicos que viviam em total harmonia com os orbianos. Órbis era uma terra única, não tinha a divisão como temos hoje de Terra Nórdica (ou Reino Prateado ou Terras de Gelo), Terra Media (ou Reino Dourado ou Terra de Fogo) e Terra Sulina (ou Deserto de Hittá ou Terra dos Bárbaros). Os povos viviam em perfeita harmonia e as Terras Sulinas ainda não eram habitadas. As terras além mar eram apenas

especulações, alguns navegantes relatavam avistamentos, mas nada tinha sido ainda confirmado. Órbis vivia a sua mais profunda paz. Então, um dia, um grande cometa foi avistado nos céus. Dizem os historiadores que aquela foi uma visão como nunca mais houve em Órbis. O astro tinha uma grande calda de gelo que se estendia de leste a oeste e brilhava mais do que todos os diamantes de Órbis juntos. O cometa deu três voltas completas em torno de Órbis e seguiu em direção a Helizio. Ele foi se aproximando cada vez mais da estrela de fogo e quanto mais se aproximava mais ia perdendo a cauda gelada. O calor de Helizio foi aos poucos derretendo o cometa e de dentro dele centenas de dragões surgiram. Os grandes animais, famintos e sedentos, rumaram então para Helizio e beberam parte de suas lavas ardidas. Suas entranhas queimaram por dentro, dando a eles uma sensação de morte súbita. Ganash, a rainha dos dragões, olhou para Órbis e viu que aqui havia muita água e, então, ávidos por apagar as chamas que lhes queimavam por dentro, ela e seus irmãos migraram para cá, mas quando aqui chegaram descobriram que a água que tanto almejavam era salgada. Toruki, o rei dos dragões morreu no mar assim que chegou. Ele fora o dragão que mais bebeu da lava incandescente, seu corpo queimou e se desfez nas águas salgadas do mar.

_É por isso que chamam o mar de Porto Dragos de Mar Toruki, mestre? –perguntou o jovem Isacar, interrompendo a fala do sacerdote.

_Boa lembrança, meu rapaz. É isso mesmo, o Mar Toruki passou a se chamar dessa forma por causa desse grandioso evento – respondeu-lhe o sacerdote. Isacar olhou orgulhoso para o Príncipe Hur que sorriu e, tentando mostrar que também era bom em história, disse:

_E o Estreito de Ganash foi feito pela rainha dos dragões, quando tentava fugir das águas salgadas do Mar Toruki, não foi?

_Foi isso mesmo, grande herdeiro real. Antigamente a Cordilheira das Almas era inteira de ponta a ponta. Ganash e seus irmãos, tentando encontrar água doce para beber, cuspiram lavas incandescentes sobre a cordilheira, fazendo-a explodir, abrindo o grande canal que mais tarde receberia o nome de Estreito de Ganash. Eles rumaram para a Ilha de Fogo, permaneceram por lá algum tempo. As águas do Mar Revolto não eram tão salgadas quanto as do Mar Toruki, mas eles não permaneceram por muito tempo na ilha. Na busca pelo alívio do fogo que os consumia por dentro, eles rumaram para as terras geladas do norte. O frio e o gelo aliviaram as dores de alguns dragões, e eles passaram a cuspir gelo ao invés de fogo. Seus espíritos estavam apaziguados já que descendiam de um cometa de gelo. Outros dragões continuaram com sua fúria incandescente se alimentando de tudo que se movia nas terras geladas. Aos poucos Helizio foi se enfraquecendo, os dragões haviam bebido boa parte de sua lava incandescente. Na terra caiu um inverno que foi o mais frio do que qualquer outro na memória do homem. Nem mesmo os povos nortenhos haviam visto um frio como aquele. Chegou uma noite que durou um ano. Reis e escravos morreram de fome e frio. As mulheres choravam ao ver os seus bebês morrerem e sentiam suas lágrimas congelarem em seus rostos antes de também perecerem. Então vieram os dragões, tomaram conta de Órbis do norte até a terra média. Chegavam arrasando fortificações, cidades e reinos. Nem todos os reinos juntos logravam deter aquelas feras de fogo. Para os dragões um exercito inteiro de homens era como um

banquete de carne fresca e succulenta. A ruína dos orbianos estava prestes a acontecer, até que um dia, cansados de ver o sofrimento infligido aos seres vivos de Órbis, os dragões de gelo se uniram aos homens e lutaram juntos contra os dragões de fogo. Foi uma carnificina só. Dragões e homens sucumbiam por toda Órbis, Darshini, a maior de todas as dracenas de gelo, comandava os dragões prateados e Ganash, a rainha de todos os dragões de fogo, comandava os dragões dourados. Um homem destacou-se no meio de todos por sua coragem e força, Hur era o nome dele, e sozinho exterminou centenas de dragões de fogo enquanto outro homem também se destacava, lutando bravamente ao lado de Darshini. Tollen liderou a sua tropa aliada aos dragões prateados lançando o seu exercito contra os dragões de fogo até que só restasse um. Ganash foi a última sobrevivente dentre todos os dragões de fogo. Ela fugiu para a terra média e deparou-se com Hur, o grande guerreiro em sua armadura dourada. Hur batalhou com Ganash, armado com lanças de ouro, uma rede e um grande martelo prateado. Foi uma luta épica, que entrou para a história de Órbis. Ganash tombou sobre as margens do Mar Toruki e Hur, com o seu grande machado, esmagou a sua cabeça, cortando-lhe as veias que encharcaram as areias da praia de um sangue grosso e dourado. O último dragão de fogo estava morto. Nunca mais na história de Órbis houve uma guerra como aquela. Hur foi coroado pelo povo como rei da terra média e Tollen como rei da terra norte e foram considerados deuses. Os dragões de gelo partiram para as estrelas, deixando para trás dois grandes ovos. Darshini prometeu ao Rei Tollen que um dia voltaria e confiou a ele a guarda de seus ovos e o fez prometer que nunca os levaria para o topo da Montanha Sagrada. Tollen nunca entendeu o sentido daquela promessa,

mas a cumpriu e fez os seus sucessores manterem o juramento de que a promessa nunca seria quebrada. Órbis estava em paz novamente.

A abertura do Estreito de Ganash pelos dragões possibilitou o surgimento das grandes navegações. A Ilha de Fogo que era o ponto mais a oeste conhecido, tornou-se apenas um pontinho no meio de um vasto oceano. Muitos navegadores arriscaram-se para além do Mar Revolto em busca de novas terras e assim as encontraram. Eram terras primitivas, dominadas por um povo bárbaro, rude e selvagem. Não demorou muito tempo para que os povos bárbaros fizessem o caminho inverso, seduzidos pelo ouro e prata que os navegantes exibiam em seus trajes e embarcações. Os hurques usaram a palavra “bárbaro” para todos aqueles que habitavam fora das fronteiras marítimas do império e que não falavam a língua oficial dos hurques e tollecas. Em pouco menos de dez anos, centenas de milhares de bárbaros desembarcaram em Porto Dragos em busca de melhores oportunidades. Eles vinham das Ilhas de Far, um pequeno arquipélago para lá do Mar Revolto e de um pedaço de terra conhecido como Hitta, terra seca e pouco fértil nas proximidades do arquipélago. No começo a chegada foi vista de bom grado pelos reis, pois onde o desenvolvimento urbano era almejado, quanto mais mão de obra barata, mais rápido as suas edificações e cidades seriam erguidas. Os hittitas e farianos trabalharam durante anos para os hurques e tollecas, vivendo em relativa harmonia até o século VI de Órbis. Realizavam trocas e comércio com os hurques através dos mares fronteiriços, oferecendo matéria prima em troca de objetos manufaturados. Alguns hittitas chegaram a ser contratados para integrarem o poderoso exercito hurque. A convivência

pacífica durou até o final do século VI quando uma horda de hittitas, liderada por um jovem bárbaro chamado Hittá, pressionou os outros povos bárbaros a se unirem na tentativa de tomar a Terra Média, dominando suas riquezas e seus solos férteis. Neste século e no seguinte, o que se viu foi uma invasão violenta que quase acabou por derrubar o império hurque. A grande maioria dos povos hurques e tollecas era pacífica, organizavam-se em aldeias rurais, compostas por habitações rústicas feitas de barro e galhos de árvores. Praticavam o cultivo de cereais como trigo, feijão e a cevada. Criavam gado de onde obtinham o couro, o leite e a carne. Tudo que faltava aos bárbaros, os hurques e os tollecas possuíam. Tornaram-se alvos fáceis para pilhagem. Dentre os povos bárbaros os hittitas eram os mais violentos e ávidos por guerras. Eram nômades por natureza, não tinham habitação fixa e viviam a percorrer campos e florestas. Como não construíam casas, viviam em tendas e carroças, percorrendo as regiões férteis praticando todo tipo de delito. Quando chegavam a uma região espalhavam o medo, pois eram extremamente violentos e cruéis e sempre obedeciam as ordens de seu líder Hittá, um dos maiores responsáveis pelos terríveis massacres daquele século. Os herdeiros de Hur e Tollen não tiveram escolha se não reunirem seus exércitos novamente, na tentativa de exterminar os povos invasores. A guerra durou anos. Muitos farianos e hittitas juraram lealdade às duas coroas, unindo-se em batalha contra os seus irmãos. Hittá, percebendo que suas tropas estavam sendo destroçadas, fugiu para as terras desérticas do sul e lá permaneceu. Nunca mais nenhum hurque ou tolleca pôs os olhos em Hittá novamente, mas a sua herança maldita já tinha se espalhado nas terras nórdicas e médias. Os camponeses aprenderam a guerrear. Seus filhos a empunhar

espadas como os grandes mestres da corte. Em gratidão pelos esforços dos bárbaros juramentados, os herdeiros de Hur e Tollen deram às suas famílias pedaços de terras férteis para morar e passaram a ser conhecidos como Palaaios (aqueles que receberam as terras conhecidas como Pallas que ficavam ao sul da terra média) e Estrucos (aqueles que receberam as terras nórdicas fronteiriças com as terras médias conhecidas como Estrus). Palaaios e estrucos eram pacíficos e protegiam as fronteiras de novas invasões. Esta concessão não foi uma boa ideia. Estrucos e palaaios tinham a mesma aparência dos hittitas e farianos. Usavam sempre os cabelos e barbas compridas. A tonalidade da pele sempre morena e a grande maioria tinham olhos verdes como esmeraldas. Era difícil identificar dentre eles os que eram pacíficos dos que eram revoltosos e isso foi tudo que precisavam para se agruparem novamente.

_É por isso que sempre ouço o meu pai falando que os bárbaros estão infiltrados no meio de nosso povo, sacerdote? –perguntou o Príncipe Hur. Asher que estava cochilando sobre as almofadas sobressaltou-se com as palavras do irmão.

_Exatamente, grande herdeiro real. Este será um dos maiores desafios para as gerações futuras, lidar com as rebeliões que se formam nas duas terras. Terá muito trabalho em seu reinado, príncipe Hur.

_Se eu fosse o meu pai colocaria todos esses malditos invasores para correr daqui. Juntaria todos e mandá-los-ia de volta para suas malditas terras – ironizou o príncipe da beira.

_E causaria uma guerra ainda maior? –retrucou o sacerdote, pondo-se de pé e fazendo um sinal a um servo para que lhe

servisse água - Não, definitivamente esta não seria uma boa medida diplomática. Os palaios e estrucos receberam o direito de habitar em nossas terras a partir do momento que juraram fidelidade aos antigos reis. Estas terras lhes pertencem por direito e lealdade. Não podemos simplesmente expulsá-los como se fossem traidores. Como ficaria a honra e a palavra dos hurques e tollecas? Um reino sem honra está fadado a se tornar tão bárbaro quanto o povo que persegue. Não, jovem Er, um rei não deve agir por impulso. A diplomacia é uma qualidade de um bom estrategista e de um grande rei. Qual é a sua opinião sobre tudo isso, Príncipe Hur? O que pensa que deveria ser feito?

O Príncipe Hur ponderou a pergunta por um instante, olhou para Isacar como se esperasse uma ajuda, mas o amigo desviou o olhar, confiante de que o que fosse respondido pelo príncipe, seria aprovado pelo sacerdote. Príncipe Hur era sensato, muito brincalhão chegando à beira da fanfarrice, mas era ponderado.

_Identificaria os culpados pelas rebeliões e os puniria exemplarmente – respondeu ele por fim. O sacerdote deu um leve sorriso, acenando a cabeça positivamente.

_E a senhorita, doce Acsa, o que faria? –perguntou ele à princesa.

Todos a olharam em silêncio. Acsa deu um sorriso, ajeitou-se confortavelmente sobre suas almofadas e respondeu:

_Lamento, sacerdote Mibzar. Não sou muito boa com estratégias de guerra. Mas eu lançaria um feitiço sobre esses traidores, transformá-los-ia em sapos e rãs.

Todos gargalharam com a espontaneidade da princesa. O sacerdote uniu-se a eles nas gargalhadas e então objetou:

_Seria uma ótima solução, pequena senhora, mas o que faríamos com tantos sapos e rãs espalhadas por Órbis?

_Pelo menos não nos faltaria alimento, não é mesmo? – interpôs o príncipe Asher ainda em gargalhadas.

_Sim, mas esta medida não seria possível – disse o sacerdote voltando a ficar sério –, todos sabem que a feitiçaria não é permitida nos dois reinos, não é mesmo, crianças? – Acsa olhou de relance para Asher e os dois deram um sorriso cúmplice. –Ademais, a magia pode ter sido uma força poderosa no passado, mas hoje não é mais. Poucos os que verdadeiramente são capazes de atos mágicos nos tempos atuais. A verdade é que o pouco que resta da magia é como a água no fundo da terra que permanece escondida aos olhos do homem após um rio secar. Por muito tempo a água continua correndo por debaixo de seu leito seco, até que um dia ela também seque e o rio se perde para sempre.

_Não é nisso que o Mestre Kemi acredita – interpôs Asher –, ele sempre fala dos grandes magos do passado e acredita que novos magos aparecerão e serão capazes de feitos ainda maiores do que os antigos bruxos.

_Acredita mesmo que isso seja possível, meu príncipe? – perguntou o sacerdote.

_Sim, acredito.

_Já viu o alquimista fazendo alguma magia?

_Não. Ele não é um mago e sim um alquimista. É apenas um estudioso da magia, não um praticante dela. Ele nos disse que não tem o dom para grandes feitos mágicos, mas que eu e Acsa temos. Se ele disse eu acredito.

_Não se iluda muito com as palavras do alquimista. Estou com esta idade e nunca vi ninguém capaz de proezas mágicas. Já vi ilusionistas e hipnotizadores, mas não conheço nenhum bruxo de verdade. Todos foram exilados e os seus cetros mágicos destruídos junto com seus livros e grimórios malditos. Bruxos sem cetros são apenas charlatões. Alguns membros da corte se dizem bruxos, mas alguém dentre vós já os viram fazendo alguma coisa que mereça ser considerada extraordinária? Além do mais, a magia em mãos erradas pode levar à morte de muitos, como aconteceu no passado por causa de um grande bruxo chamado Conde Graham... foram tempos estranhos aqueles...

Fez-se silêncio.

_Por isso eu digo – continuou o sacerdote -, não se iludam. A magia não existe mais.

Asher e Acsa ficaram visivelmente desapontados. Enquanto houvesse magia, tudo seria possível, árvores poderiam falar, animais de pedra ganharem vida, homens serem transformados em sapos e rãs.

_Prefiro acreditar que a magia exista – Acsa retrucou com teimosia.

_Está em vosso direito, princesa – confirmou o sacerdote com um leve sorriso -, acredite em si própria e chegará um dia em que os outros não terão escolha a não ser acreditar também

na senhorita. Não deve acreditar em algo só porque os seus mestres dizem ser verdade. Antes deve experienciar aquilo que acredita, construir suas próprias opiniões. Há muitas razões para duvidar da existência da magia e uma só para crer, o seu desejo de que ela exista. Continue acreditando, quem sabe o vosso desejo seja poderoso o suficiente para fazer renascer o mundo mágico?

Fez-se silêncio novamente. Os gêmeos se olharam confusos. Hur, Isacar e Er não estavam entendendo nada, não se davam bem com aquele assunto e a eles pouco interessava se a magia existia ou não.

_Mas acho que por hoje já aprenderam demais, não acham? – disse o sacerdote se levantando. - Em nossa próxima aula estudaremos as virtudes dos dragões de gelo. Quero que leiam a primeira parte do livro “Dragões de Gelo – A Batalha Final”, combinado?

_Sim, sacerdote – responderam todos.

Helizio se punha vagarosamente por detrás das cordilheiras. Estavam todos tão absortos com a aula que nem perceberam o dia passar. Aquela fora mesmo uma das melhores aulas que Isacar tivera desde que começara os seus estudos, muito embora tenha sido frustrante para Asher e Acса.

Capítulo 4

O Príncipe da Beira

A chuva dava os primeiros sinais de que cessaria. Os dias estavam ficando mais claros e o céu, mesmo que timidamente, ia aos poucos ganhando um tom azulado novamente.

Er começara os longos e enfadonhos treinos com o Mestre Obede-Edom. Mesmo à contra gosto, três vezes por semana, o Príncipe Er juntava-se ao irmão Hur e ao amigo Isacar para duelarem com suas espadas de madeira. Nas primeiras semanas ele se sentiu humilhado. Todas as tentativas que fizera para desarmar o irmão foram frustradas e a madeira dura de seu oponente golpeava-o impiedosamente e sempre terminava com a ponta em sua garganta. Com o passar do tempo, ele foi ganhando confiança, sentindo-se mais seguro e ousado, arriscando golpes improvisados e inesperados pelo irmão. Era tudo que o mestre das armas esperava para liberar os treinos com espadas de aço.

—Conheça o seu adversário, antecipe-se aos seus golpes. Frustre-o, desafiando-o com altivez e golpes certos – dizia Mestre Obede-Edom enquanto Er se digladiava com Hur –, corrija sua postura, Príncipe Hur, pés firmes no chão, um cavaleiro não luta como um bárbaro. Lute como se a espada fosse parte de seu corpo como o ferrão é de uma vespa.

O tinir do aço ressoava, o brilho das espadas reluzia nos olhos do infante Asher que assistia ao treino dos irmãos, sentado em um banco de pedra com os joelhos languidamente erguidos até o queixo. Sentia-se entediado. Ele era como a

irmã, não se dava com espadas. Preferia estar no laboratório de Kemi, estudando as substâncias químicas e seus efeitos mágicos, do que ficar ali, vendo três marmanjos se golpearem como se fossem bárbaros sedentos por sangue. Divagava em seus pensamentos, lembrando-se da última aula que tivera com o grande alquimista real Kemi. Lembrou-se das previsões que fizera, onde um incomum alinhamento dos astros que estava prestes a acontecer, significaria uma grande transformação em Órbis. Pensou consigo mesmo se o seu pai já tomara conhecimento destas previsões... *"preciso falar sobre isso com ele"* pensava. De repente, um tilintar de aço chamou-lhe a atenção.

_Se fosse um inimigo não hesitaria em enfiar-lhe a espada goela adentro – disse o príncipe da beira com a espada na garganta do irmão. O Príncipe Real estava caído ao chão, com os olhos arregalados, e assustado com a mestria com que Er havia aprendido a manejar a espada.

_Já chega – berrou Mestre Obede-Edom -, que isso lhe sirva de lição, Príncipe Hur. Er começou a treinar há poucas semanas e já consegue desarmá-lo?

_Meu irmão é um fanfarrão, mestre – interpôs o Príncipe da Beira, recolhendo sua espada e dando um sorriso desdenhoso -, nunca será melhor do que eu.

_Ora seu maldito – disse o Príncipe Real levantando-se e partindo para cima do irmão – se eu...

_Já chega! – berrou novamente o mestre de armas – Deixem esta disputa para os inimigos. Vocês são irmãos, devem se respeitar.

_Ele não passa de um fraco, um bastardo – disse Er, descalçando suas luvas, atirando-as no peito do irmão. – Quem sabe tenha mais sorte da próxima vez, irmãzinho? – completou dando-lhes as costas e saindo.

_Príncipe Er – chamou Mestre Edom -, volte aqui, ainda não terminamos.

_Eu já terminei – respondeu ele arrogantemente, afastando-se.

Da sacada de seu quarto, Chaia gargalhava de satisfação. Ver o Príncipe Er desarmar o irmão foi como se o visse ganhando uma justa, e o prêmio seria as duas coroas.

_Er será o melhor rei de todos os tempos... – disse ela se virando e indo para dentro do quarto. A serva Rispa baixou a cabeça e nada disse, seguindo atrás de sua rainha – pena que ainda é muito jovem. Seria um aliado perfeito para o meu tio. – fez-se um breve silêncio no qual a rainha admirou-se no espelho, ajeitando uma tiara cravejada de diamantes sobre os cabelos - Rispa – chamou a rainha resfolegando-se -, o dia hoje está perfeito para uma cavalgada, avise o cavalariaço que quero a minha égua pronta em duas horas.

_Sim, senhora – respondeu a serva.

_Antes da ceia da tarde quero dar uma volta pelo bosque. Avise-o que quero que Sor Gahiji me acompanhe.

_Acha mesmo seguro, senhora? As chuvas deixaram os bosques alagadiços e escorregadios, a senhora pode se...

_Nem mais uma palavra, Rispa. Quem foi que pediu a sua opinião?

Rispa baixou a cabeça e nada disse.

_Vá, vá, vá... ah! Diga a Basemate que vista o Príncipe Er com um de seus melhores trajes. Quero-o impecável ao meu lado esta tarde à mesa das refeições. Faço questão de contar ao soberano de suas conquistas e como está se destacando frente ao irmão.

_Sim, senhora. Com vossa permissão...

Enquanto isso, alguns cavaleiros aproximavam-se do portão levadiço do castelo. Rei Herat voltava de uma inspeção aos silos reais. Ele vinha à frente ladeado por Duque Bör, o general da guarda real Gibborim, e na retaguarda seus escudeiros Rapú e Tori, além de alguns guardas que traziam as flâmulas estampadas com os dois dragões.

_Abram as portas para o rei – ouviu-se alguém gritar. Um clarim ressoou um toque rápido e curto. A grande porta levadiça foi baixada. Imponentes cavalos negros trotaram portão adentro, passando pela ponte levadiça, pelo portão levadiço, pelas muralhas internas do castelo, indo parar no pátio central, onde foram deixados aos cuidados de Shitai, o cavalariaço do rei. O rei Herat estava visivelmente contente. Vestia-se regamente bem, com um gibão avermelhado, ornamentado com uma fileira dupla de rubis. Sobre o gibão, um manto de puro linho bordado, revestido com uma pele de necron tolleca tão branca como neve recém caída. Trazia afivelada à cintura a sua espada dourada e na testa uma estreita coroa feita de ouro, safiras e rubis que combinavam perfeitamente com o vermelho de seu gibão.

_Só temos motivos para comemorar, Duque Bör. Mais alguns dias a terra estará pronta para o plantio novamente – disse o

rei apeando de seu cavalo. Seu sorriso era belo como o nascer de Helizio. Seus cabelos dourados brilhavam como a muito não se via. Seguiram em direção à sala do trono e pelo caminho conversavam:

_Mas... se vossa graça me permite uma opinião...

_Diga, diga Duque.

_Acha mesmo uma boa idéia esta história de torneio?

_Mas é claro que sim. Nunca se viu uma estação chuvosa tão demorada quanto esta. O povo de Avars merece comemorar.

_Mas, majestade, a ameaça constante de uma invasão dos bárbaros não o preocupa? O clima nas fronteiras está cada dia mais tenso. Nixapur, Arbil, Bucarís, Hattiusa, Vila das Cobras, em todas as cidades o medo dos bárbaros é constante. Não acho que esse seja o melhor momento para um torneio.

_Do que é que tem medo, homem? Acaso não autorizei que mandasse tropas para reforçar e guarnecer as fronteiras?

_Sim, mandou.

_E não mandei um agrupamento especial para integrar a Patrulha do Vento?

_Sim, soberano. E cumpri com todas as suas ordens.

_Então do que tem medo?

_Apenas da morte, senhor. Não temo nada além dela. Não há homem, fera nem um mau tempo que me faça tremer. Mas não é de medo que estou falando. Estou dizendo que são tempos difíceis e todo cuidado é pouco. Além da ameaça dos